



The Theater of Disappearance, 2017
NEON Foundation at Athens National Observatory (NOA), Athens
Cortesia do artista, Marian Goodman Gallery, New York / Paris / London e
Kurimanzutto, Ciudad de México
Fotografia: Jörg Baumann

Álvaro Carrión*

A face oculta do trabalho psicanalítico

Este texto busca situar vários aspectos existentes em um processo psicanalítico, que se apresentam de forma negativa, enquanto não visíveis. Estão, no entanto, situados em uma posição excêntrica.

O trabalho psicanalítico, geralmente comporta um tipo de tensão interna que o situa como um produto cultural *sui generis*. Na vertente da clínica psicanalítica, a tensão se expressa na relação entre os conteúdos da “realidade” e os que aparecem como fruto inerente à dinâmica subjetiva. A que nos referimos de forma particular? Essa “suspensão do juízo”, com a mais pura aparência de uma denegação, se propõe à análise diante de fatos que se encontram extramuros do âmbito propriamente

clínico, ao permitir a apropriação das preocupações do analisando na dinâmica de sua vertente interna, da mesma forma como ocorre com os restos diurnos nas associações que o sonhador produz.

Essa referencialidade interior tem presença na forma de um movimento que não cessa de irromper. A formulação aponta ao que se inclui como o que faz parte e o que se exclui do trabalho psicanalítico. O positivo e o negativo se manifestam em um jogo de inclusão e exclusão. Ao mesmo tempo, os fenômenos clínicos comparam-se, na dupla face que se enuncia, junto a outro aspecto que fica fora da consideração explícita e que adquire preponderância: a posição epistêmica a partir da qual o analista situa as problemáticas que aparecem no campo clínico. A teoria, se afastando do puramente observável inclui o elemento de universalidade, que contém os diversos momentos presentes em sua unidade. Para não mencionar os próprios dilemas da pessoa do psicanalista, que vive as circunstâncias de sua particular existência e adere a uma forma de pensar, além de ser réu de sua própria conjuntura pessoal.

A tensão interna a que nos referimos, de forma singular, surge de um relato na voz do analisando, que aparece vinculada a fatos ou circunstâncias, a um momento histórico determinado, a conjunturas de diversas índoles, a um destinatário específico, a contingências e múltiplas vicissitudes, etc. Tais acontecimentos têm importância enquanto ocupam a mente do sujeito que os traz, ao mesmo tempo que se encadeiam em seu drama pessoal. Por conseguinte, apenas são levados em consideração como o remanescente da forma que adota o diálogo analítico em curso, onde se dá peso ao drama individual no contexto transferencial.

“Ontem, tenho que lhe contar, acordei às 3:45 da madrugada. Meus vizinhos carecem da mais elementar delicadeza. O Vicente, diz o vigia, tem insônia. Será que ele tem que falar com a Europa e por isso ele acorda a essa hora fazendo barulho? Ou será que a essa hora ele vai se deitar? Sei lá! Eu tomei um comprimido que a médica me deu... Agora me lembro do que aconteceu ontem durante o dia. Perguntei para a minha irmã se ela sabia da conta que minha mãe tinha e se tinha dinheiro nela. Minha irmã ficou em silêncio...”

Laura, a pessoa que fala na vinheta, atravessa na atualidade o luto pela morte de sua mãe. A irmã de Laura era a preferida da mãe, enquanto o pai, já falecido, preferiu sempre Laura. O que desperta Laura e faz ruído em seu ser? Vicente aquele vizinho indelicado? É o vizinho-terapeuta que lhe fala e é inoportuno, ou é o problema ligado ao que lhe foi surripado pela irmã: com aquilo que ficou mas que pertence também a ela?: o dinheiro (amor) da mãe, agora que a mãe não está mais? O que não a deixa dormir? Quem sabe: a morte de sua mãe há uma semana, o lugar dela e de sua irmã e sua psique transtornada pelo trabalho do luto.

Francisco chega às sessões irascível. Quanta mediocridade vê ao seu redor, quanta má fé dos funcionários municipais e dos juizes para resolver o processo contra o construtor de seu edifício, que fez manobras econômicas que o prejudicaram. Nas horas de sessão faz longos inventários sobre a corrupção dos meios oficiais, das intermináveis histórias sobre um personagem que é dono de um dos apartamentos de seu edifício, que ele (Francisco) administra, que não paga o condomínio e se enfurece, insulta e maltrata quando lhe pedem que cumpra com seus haveres.

A ira de Francisco seria justificável, da mesma forma como o incomodo despertar de Laura em horas nas que deveria estar descansando? Digamos que sim. Mas o que alimenta esse despertar e imprime tanta ira é outra coisa. Mas esse outro, o que é? É algo que podemos localizar em “outra cena”?

Com o que trabalhamos então? Essa questão nos remete à proposta que funda a psicanálise no aqui e agora do processo analítico e da dinâmica transferencial: a cadeia das repetições e busca de elaboração; a insistência de um desejo que espera ser negociado ou o luto mal elaborado que altera a economia psíquica. É o campo do intangível, daquilo que *prima facie* não se vê, do que aparece como o negativo em sua não-presença. O extremo se encontra, como fato positivo, em uma posição excêntrica ao processo analítico, na medida em que não é considerado em si mesmo, mas sim em relação à posição que ocupa em um lugar diferente do que o lugar da realidade fática.

* Instituto Latinoamericano de Psicoanálisis (Quito).